



[Recensão a] António Luís. Cinco Livros de Problemas.

Autor(es): Carvalho, Mário Santiago de
Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/29616>
DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0872-0851_39_11
Accessed : 12-May-2024 20:39:49

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 20 - número 39 - março 2011

vol. 20 - número 39 - março 2011

Fundação Eng. António de Almeida



RECENSÕES

António Luís. Cinco Livros de Problemas. Tradução de António Guimarães Pinto, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (Coleção Translata 3), 2010, 243pp.

Tal como acontece no resto da Europa também a filosofia do século XVI português permanece bastante mal estudada e pouco conhecida, sobretudo aquela que se costuma acondicionar sob o tópicico da Escola. Atente-se, por exemplo, em duas obras de referência, as mais recentes no que a esse século dizem respeito: os *Estudos sobre Filosofia em Portugal no Século XVI*, de Amândio Coxito (Lisboa 2005) e o apesar de tudo grosso II volume da reconhecida *História do Pensamento Filosófico Português*, publicada sob a direcção de Pedro Calafate (Lisboa 2001). O Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, que se tem excedido na notável publicação da tradução de E. Husserl, brinda-nos agora com a versão de uma peça inédita, os *Cinco Livros de Problemas* do médico olisiponense António Luís (+ 1565) que se destacou também em Coimbra no ensino de matéria médica galénica feito em língua grega (para um horizonte filosófico hermenêutico alargado recomendamos o estudo que Miguel Baptista Pereira publicou nas páginas da nossa Revista: XI, nº 21, 2002). Com mérito e acribia, encarregou-se da tradução do original latino António Guimarães Pinto, já nosso conhecido por trabalho idêntico sobre os *Tratados da Nobreza Civil e Cristã* de Jerónimo Osório, autor também da “Introdução” (pp. 21-42) que consubstancia este precioso volume, infelizmente ainda não publicado em edição bilingue (certamente por razões financeiras). A literatura dos “Problemas” segue ou glosa o homónimo pseudo-aristotélico (vd. P De Leemans & M. Goyens (ed.), *Aristotle’s ‘Problemata’ in Different Times and Tongues*, Leuven 2006, mas veja-se também a breve nota 1 do Prefaciador Adelino Cardoso, p. 10) então em voga, como o confirma, à sua maneira, o apêndice ao volume do Comentário do Colégio Jesuíta Conimbricense ao ‘De Anima’ (recentemente traduzido entre nós, no âmbito da Unidade de Investigação LIF, por Maria da Conceição Camps), que agrega igualmente uma brevíssima glosa ao mesmo título, *Tractatio aliquot problematum de rebus ad quatuor mundi elementa pertinentibus, in totidem*

sectiones distributa, agora também acessível em versão, da autoria de Filipa Medeiros, do mesmo modo publicada no quadro da U.I.& D. da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (http://www.uc.pt/fluc/lif/comentarios_a_aristoteles1), ambos os projectos por nós dirigidos. O caso ora em apreço é mais relevante, pois o médico António Luís escreve uma obra muito mais vasta, de maior diversidade e interesse, seguindo explicitamente autoridades neoplatónicas (não na acepção de Plotino), quer dizer – nas suas próprias palavras – “Galeno, Proclo, Plutarco, Platão, Aristóteles, Alcino, Alexandre, o divino Dionísio e inúmeros outros” (p. 49). Por outro lado, também vale a pena atentar no seu entendimento epistemológico de “problema” (p. 49), “a procura da causa desconhecida de uma coisa manifesta”, em vez de “questão dubitável, uma vez que aqui a dúvida põe-se apenas em relação à causa, e não à coisa” (p. 50). Mas vamos por partes. Em primeiro lugar, referir-nos-emos ao estudo introdutório de António G. Pinto, que nos deixa indicações preciosas e mais rigorosas, sobretudo quando tão pouco se sabe sobre a biografia e a personalidade do autor: António Luís graduou-se em medicina (1532) em Salamanca; os seus reputados conhecimentos de grego podem ter sido bebidos sob o magistério de Aires Barbosa ou do seu sucessor Hernán Nuñez; em 1533 obtém o grau de licenciado em medicina em Lisboa; em 1537 publica o *Manual Médico (Enchiridion)* em Antuérpia; em 1539 é denunciado à Inquisição, sendo que na denúncia se lê “que não queria usar de seu ofício de médico porque era filósofo e letrado” (p. 29); e entre esse mesmo ano e o seguinte (1540) saem do prelo mais cinco obras suas: *Oração Panegírica*, os *Cinco Livros de Problemas*, *Propriedades Ocultas*, o *Livro do Pudor* e as mais vastas *Questões de Matéria Médica*, nas quais sobressai o “imenso tesouro dos livros de Galeno”; será depois entre 1547 e 1550 que António Luís ensinará medicina em grego na Universidade de Coimbra com espanto geral (no interim tendo escrito contra Erasmo enquanto helenista, 1548); por fim, e acerca ainda do apartado sobre a sua biografia, a data de 1556, como “a última referência viva a António Luís”, destafeita pela mão epistolar de Jerónimo Cardoso (vd. a este respeito pp. 235-243 com edição bilingue das cartas). Em segundo lugar, o espírito ou a *forma mentis* de António Luís num século em que na Escola vigorava o aristotelismo nele partilhada por uma cosmovisão “neoplatónica” alimentada também pela teologia negativa (vd. pp. 12, 13, 53, 125, 167, 172), mesmo a de um Maimónides, autor naturalmente omissos na obra (vd. p. 177). É claro que, porque não tivemos acesso ao texto latino, também não dirimiremos sobre a filiação de António Luís em relação a um “-ismo”, mas cabe atentar que tanto quanto se deve falar no plural acerca da tradição aristotélica o mesmo se deveria fazer sobre os neoplatonismos - comparem-se e.g. as páginas iniciais de A. Luís com as paralelas do volume do ‘De Anima’ do Curso Jesuíta Conimbricense (*Comentários do Colégio Conimbricense da Companhia de Jesus Sobre os Três Livros Da Alma de Aristóteles Estagirita*. Tradução do original latino por Maria da Conceição Camps, Lisboa: Edições Sílabo, 2010, 179 sg.). Mais ainda: independentemente da

explícita plêiade de autoridades que o autor cita mereceria a pena indagar o quanto nas suas respostas perpassa da episteme aristotélica, o que só pode ser feito depois de uma leitura minuciosa do original. Tendo passado despercebido ao Prefaciador e ao Tradutor, sublinhemos apenas um aspecto curioso, aquele em que se discute pelo menos por duas vezes (pp. 68, 171) a temática da possível eternidade do mundo, assunto de que nos ocupámos na nossa dissertação doutoral há já alguns anos (*A Novidade do Mundo: Henrique de Gand e a Metafísica da Temporalidade no Século XIII* Lisboa 2001). Enfim, para não se surpreender com a extraordinária ingenuidade, aos olhos de hoje, de alguns “problemas” aqui investigados – v.g. (p. 81) “por que motivo é que os que praticam sexo põem a língua de fora?” –, o leitor deverá sobretudo perscrutar o que não é “matéria médica” nesta obra, abrindo-se assim a um autor e a uma tradição portuguesa do pensamento do século XVI que emparceira em sincretismo com a sua congénere europeia, apreciando reconhecer que complexificando as tradições aristotélicas se avantajaram também verdadeiras alternativas (ou paradigmas, como agora se diz) escolares.

Mário Santiago de Carvalho

Yo y Tiempo: La Antropología filosófica de G.W.F. Hegel, ed. por Ignacio Falgueras, Juan A. García e Juan J. Pardial, 2 vols., Suplemento 15 a *Contrastes, Revista Internacional de Filosofía*, Málaga. 2010, 854 pp.

Acabam de ser publicados dois volumes nos quais se coligem as contribuições para o congresso internacional subordinado ao tema: Antropologia Filosófica de Hegel. A organização do evento esteve a cargo do Grupo de investigação sobre o Idealismo alemão da Universidade de Málaga, e teve lugar entre os dias 21 e 24 de Setembro de 2009. Triplicemente editadas (Ignacio Falgueras, Juan A. García e Juan J. Pardial), como 15º suplemento da *Contrastes, Revista Internacional de Filosofía* com sede naquela universidade andaluz, estas actas agregam um extenso e heterogéneo conjunto de artigos participantes do labor de iluminar as perspectivas contemporâneas da Antropologia Filosófica a partir da obra hegeliana. O objectivo partilhado pelos diversos intervenientes é o de estender o estrito âmbito que Hegel conferira à Antropologia na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, limitando-a ao estudo do corpo orgânico e existência natural da espécie humana. Em tal empreendimento deve tornar-se explícita a real dimensão da dívida que Max Scheller e Ernst Cassirer, na sua qualidade de mentores da Antropologia Filosófica como disciplina autónoma, contraíram relativamente a Hegel.

Quantitativamente estamos perante um trabalho consideravelmente volumoso. São cerca de oito centenas e meia de páginas contendo 62 artigos agrupados equitativamente em dois volumes divididos em 6 secções temáticas. Pontuando as